



# CHOQUE E PAVOR

DANIEL OLIVEIRA

## O mal absoluto

**J**Á SE sabia que Gunter Grass tinha sido voluntário na II Grande Guerra e que simpatizara com os delírios de Hitler. Mas aos 80 anos confessou: na adolescência fez parte das sinistras Waffen SS. Para os que nunca suportaram que Grass obrigasse os alemães a olharem-se sem auto-comiseração, o escritor teria agora morrido enquanto referência moral. Entre os seus poucos defensores estiveram alguns intelectuais judeus. Os que sabem como seria perigoso se a Alemanha destruísse, como Dorian Gray, o seu próprio retrato. O nazismo e o Holocausto não são apenas um episódio sombrio, um acidente na história alemã, disse Gunter Grass. E a confissão sobre a sua adolescência não lhe retira nenhuma autoridade para o continuar a dizer. Quando Grass aponta o dedo ao seu povo aponta-o também a si próprio, homem brilhante e opositor de todas as tiranias.

Como pode um jovem nazi tornar-se o mais convicto dos democratas? Os pigmeus intelectuais que têm dirigido a campanha contra o escritor dirão que não passa de uma farsa. Mas, para lá das vozes do ressentimento, só haveria uma resposta fácil para esta pergunta se credi-

tássemos que os valores morais de cada um não têm qualquer relação com as suas circunstâncias. Os históricos tomam a compreensão como justificação ou desculpa. São os mais perigosos dos juízes.

Os principais líderes mundiais têm explicado cada acontecimento deste princípio de século como episódios do eterno e inevitável confronto entre o «Bem» e o «Mal». No meio, estarão os fracos. E identificam o inimigo com o «mal absoluto». Apazigua as cabeças indigentes a infantilização da condição humana. Mas não foi o «mal absoluto» que possuiu a alma de Günter Grass e da maioria dos alemães que apoiou o nazismo, da massa humana assassina do Ruanda ou da Bósnia, dos muçulmanos que simpatizam e apoiam o terrorismo ou dos milhões que seguiram Estaline. O crime e a desumanidade fazem parte da condição humana. Não escolhem povos, escolhem circunstâncias. Todos podemos decidir de que lado queremos estar. Grass escolheu, na sua adolescência, o lado dos piores de todos os criminosos. Só a inteligência que relativiza a moral absoluta pode explicá-lo. E só ela pode reconhecer, a cada momento, as causas mais profundas da barbárie. Para lá do bem e do mal.